II
A GUERRA DE ANGOLA

O PAÍS DA PALANCA NEGRA

Angola era a jóia da coroa do chamado 3º Império por ser bela, variada, rica, imensa – "quatorze vezes e meia maior que Portugal", como se aprendia na escola primária (Moçambique sete vezes maior e a Guiné cerca de metade da metrópole) – e por ter um grau de miscigenação não desprezível, principalmente nas bolsas crioulas de Luanda e de Benguela/Lobito ligadas ao Brasil pela "Avenida Atlântico". Era também a colónia que, no imaginário português, melhor representava a ideia da "pátria pluricontinental e plurirracial", porque se mostrava como o território ultramarino de África menos racista – com não poucas famílias alargadas multicoloridas, cujos elementos iam do loiro até ao preto mais retinto, passando por cabritos, mestiços, cafusos e membros de outras gradações –, o território mais íntimo da metrópole e o que, com o "Terror de 61", mais pede o apoio a Portugal.

Angola é diversamente bela com as extensas, planas e abertas chanas, ou anharas, do Leste; com a serra e os vales luxurian-

:es da Canda no Norte; a Baixa do Cassange das plantações de algodão; a absolutamente impressionante Tundavala, com a sua célebre e sinistra fenda, para onde foram atirados dezenas, provavelmente centenas, de apoiantes quer do MPLA quer da UNITA, no yo-yo dos avanços e recuos militares; o deserto do Calaári, espaço de um dos *ex-líbris* angolanos que é a *Welwitschia Mirabilis*, planta perigosa pelas cobras a que dava guarida; o Mayombe, a segunda maior floresta tropical do mundo, que passa por Cabinda; os rios do Norte cobertos pela vegetação e os rios abertos no Leste e no Sul; as praias... de uma orla marítima de 1650 quilómetros. Portentosa nos seus 1 253 970 quilómetros quadrados, Angola tem por vizinhos, para além do oceano Atlântico, e no sentido dos ponteiros do relógio, a República do Congo (Brazzaville), a República Democrática do Congo (Kinshasa), a Zâmbia e a Namíbia.

Os rios que retalham o gigantesco quadrado angolano, nascendo quase unicamente no planalto central do Bié, morrem em todas as direcções: no oceano, no Norte, no Sul e no Leste. No Norte, o Zaire, o M'Bridge, o Loge e o Dange são os grandes rios – são rios de águas frias e rápidas, tapados aqui e ali pelo tropical manto vegetal. No Leste, por sua vez, destacam-se o Luena, o Cassai, o Cuando (onde, no Rivungo, em meados da década de sessenta, passa a haver um destacamento das Forças da Marinha), o Lungué-Bungo, o Cubango e o Cuito (onde, em Vila Nova de Armada, havia um destacamento de "fuzos", bem como, aliás, no Chilombo, nas bordas do rio Zambeze, no saliente do Cazombo). Estes são rios que correm mansos pelas chanas, rios encaixados em margens baixas.

Com uma estação das chuvas que corresponde sensivelmente ao Outono/Inverno europeu, e uma estação seca, que vai de Maio a Outubro, Angola também é diversa com os seus climas. Assim,

do clima equatorial em Cabinda até ao semidesértico no Sul, passando pelos climas tropicais húmido (nos Dembos ou, mais rigorosamente, na metade norte do planalto central) e seco (no planalto da Huíla, a sul) até ao temperado húmido (nas planícies costeiras do Noroeste), Angola oferece uma paleta climática generosa. Quanto às riquezas naturais, a jóia do Império, numa curta palavra, desfaz-se em diamantes, petróleo e minério de ferro – todos produtos mineiros. É um país rico em matérias-primas, mas não um país rico *tout court* e sim, apenas, um país "potencialmente rico", já que desorganizado e incapaz de um mínimo de justiça na distribuição das suas riquezas.

No que respeita à população de Angola, às suas gentes negras, elas dividem-se pelos bacongos (na bacia do rio Zaire, no Noroeste), os lunda-quiocos (no Nordeste e descendo para Sul até Serpa Pinto), os ganguelas (o grupo mais heterogéneo, espalhando-se pela maior parte do Leste e ainda no Centro-Sul), os ocavangos (no Sudeste), os hereros (na Costa Sul), os nhaneca-humbe (em torno de Sá da Bandeira, actual Lubango, e do Sul de Benguela até à fronteira com a Namíbia), os quimbundos (na faixa Luanda-Malange, abrangendo o Sul do antigo Reino do Congo) e os umbundos, que são quase 40% da população angolana. Os umbundos habitam uma zona que vai do centro da região costeira até ao miolo do país, zona que inclui cidades como Novo Redondo, Lobito, Benguela, Nova Lisboa e Silva Porto.

Uma outra tribo – a 6ª em número – era a dos brancos, particularmente "brancos pobres" ou "pequenos brancos", cuja maioria vai para Angola após 1961, tendo não poucos ficado na colónia depois da comissão militar cumprida. É gente que basicamente foge das zonas mais atrasadas de Portugal para, tal como os mestiços e os negros assimilados, viver em bairros periféricos – entre a

"cidade de cimento", europeia, e o musseque, africano. Trabalham como cantoneiros, comerciantes ou camionistas, havendo até engraxadores, bem visíveis na Baixa de Luanda. Este tipo de *white trash* não se encontra nas outras colónias portuguesas e muito menos na Rodésia ou na África do Sul. Tendencialmente destribalizados são os negros assimilados (38 000 em 1960), educados tanto por padres católicos como por protestantes, que na pirâmide social se situavam imediatamente abaixo dos mestiços e ocupavam os lugares inferiores na Administração, nos Serviços. Por sua vez, os mestiços – com os "cabritos" geralmente a passar por brancos – ocupavam os lugares médios da Administração e não poucos compunham, em simultâneo, o grosso dos quadros dos "aparelhistas" do MPLA. Na eterna hesitação entre brancos e pretos, os mestiços vivem nos "cornos de um dilema" – com algum humor, na ressaca do 25 de Abril, de 1974, e do 11 de Novembro da independência, os bi-raciais diziam que tinham um "mpélá" (em Portugal) e um "mpécá" (em Angola).

Há ainda, obviamente, brancos ricos, grandes colonos, sendo talvez o mais conhecido Manuel Vinhas, dono da cerveja CUCA e, por exemplo, do Futebol Clube do Moxico (sediado no Luso, actual Luena). Vinhas é também um caso raro de português rico com costela mecenática, dando um apoio paciente, entre bastantes outros artistas, ao polémico senão escandaloso Luís Pacheco. A propósito, diga-se que também havia "colonos colectivos", como os que estão na base dos colonatos da Cela, da Huíla ou do Cunene. Sobre este último colonato, integrado no grandioso Plano do Cunene, refira-se que a Administração de Angola oferecia a ex-militares, e não só, 25 vacas e 2 "toiros cobridores", assistência técnica, sementes, água e ainda salários durante dois anos para nele se instalarem.